



Eugénio Jalhay

Lisboa: 13 de julho de 1891

Lisboa: 25 de novembro de 1950

A vida de Eugénio Jalhay, sacerdote jesuíta, pautou-se, para além do cumprimento das suas obrigações religiosas (ao falecer repentina e prematuramente, tinha presidido a mais de dez mil missas, a última delas professada na manhã desse mesmo dia), pela dedicação à Arqueologia, que desde cedo o atraía. Com efeito, com apenas 14 anos, ainda noviço da Companhia de Jesus no Seminário do Barro (Torres Vedras), acompanhou a exploração da *tholos* do Barro, realizada pelo Padre Bovier-Lapierre e pelo então Conservador do Museu Etnológico, Dr. Félix Alves Pereira, deixando-lhe marcas profundas aquela experiência e o conhecimento que então travara com Leite de Vasconcelos. Com a implantação da República, como Jesuíta foi impedido de permanecer em Portugal, vindo a desempenhar funções em colégios que a Ordem possuía fora de Portugal, até que, em 1916, se estabeleceu no Colégio de La Guardia, do lado galego do rio Minho. Ali, a vocação pela Arqueologia fortificou-se, tendo alargado a sua área de investigações ao litoral das Astúrias, altura em que conheceu Hugo Obermaier e o Conde de la Vega del Sella entre outros. Assim se explica a publicação, datada de 1925, das peças asturienses que se conservavam na colecção do Colégio de La Guardia, pouco depois de, no mesmo ano, Joaquim Fontes ter dado a conhecer a estação de Camposancos, situada naquele trecho litoral. Este estudo inaugurou uma série de importantes contributos sobre a cronologia e características daquelas indústrias, que vieram a lume nos anos seguintes.

A frequência do Colégio de Oña, em Burgos, onde estudou Teologia, pô-lo em contacto com o “Corpus” das inscrições romanas elaborado por Hübner, ali existente, que potenciaram as suas capacidades para o estudo das epígrafes latinas, área em que se destacou, com publicações de mérito, como a dedicada às inscrições de Cárquere.

Em 1927, de novo em Portugal, inaugura-se um novo ciclo nas suas actividades arqueológicas. Desde logo assume responsabilidades na Associação dos Arqueólogos Portugueses. Foi na revista daquela Associação, conjuntamente com a revista Brotéria, que publicou a larga maioria dos seus trabalhos naquela época, de ampla diversidade temática, mas sempre de assinalável originalidade e servidos por uma escrita cuidada e sugestiva, desde as indústrias paleolíticas à arte rupestre do noroeste peninsular. Naquela associação travou conhecimento com Afonso do Paço em 1928, de que resultou, a breve trecho, uma colaboração frutífera, expressa por numerosos trabalhos publicados em co-autoria. Entre todos, merece destaque o projecto da escavação do povoado calcolítico fortificado de Vila Nova de São Pedro (Azambuja), tendo co-dirigido com este investigador, 13 das 14 campanhas de escavação anualmente ali realizadas entre 1937 e 1950. A importância, tanto nacional como internacional dos resultados obtidos permanece inalterada até à actualidade.

Como sacerdote, não podia Jalhay esquecer as humildes gentes daquele lugarejo dos confins de Lisboa, que nele encontravam o conforto espiritual: como refere Afonso do Paço, “Vila Nova de São Pedro, que durante a semana era uma missão científica, transformava-se ao domingo numa missão de almas”.

A escavação das grutas de Alapraia, exploradas entre 1932 e 1935, que originaram, também, importantes publicações, resultaram na recolha de espólios arqueológicos de extraordinária importância, expostos em sala de Arqueologia no Museu Condes de Castro Guimarães, em Cascais, na década de 1940, conjuntamente com os espólios recolhidos em outras estações cascalenses, estupidamente encerrada pelo actual executivo camarário depois de décadas ao serviço de estudantes, arqueólogos e simples curiosos.

Ao mesmo tempo que prosseguiam as explorações em Vila Nova de São Pedro, outras realidades de extremo interesse chamaram também a sua atenção: o povoado pré-histórico de Montes Claros, com notável ocupação campaniforme, e a citânia de Sanfins em Paços de Ferreira; em ambos os sítios, Jalhay e Paço realizaram importantes escavações, já na segunda metade da década de 1940, depois apenas prosseguidas pelo último. Com efeito, os esforços físicos e intelectuais a que fora obrigado nesses últimos anos da sua vida, repartindo o seu tempo livre entre as exigentes escavações de Vila Nova de São Pedro e de Sanfins, enfraqueceram a sua saúde.

Para além das suas obrigações como sacerdote, Jalhay acresceu-lhes ainda as funções que desempenhava como Vogal da Junta Nacional de Educação, desde Dezembro de 1938, as quais se consubstanciaram na avaliação, estudo, publicação e, em muitos casos, classificação, de muitas das ocorrências arqueológicas que era incumbido de verificar, de natureza e cronologia muito diversas, prestando assim, também por esta via, valiosíssimo serviço ao conhecimento e salvaguarda do nosso Património Arqueológico.

Amavelmente elaborada e cedida pelo Professor Doutor João Luís Cardoso